

O colapso da fertilidade

Martin Wolf

Valor, 12.fevereiro.2026

A população em declínio parece inevitável em um enorme número de países ricos, caso a imigração em massa seja descartada.

A queda da fertilidade ocorreu em quase todos os países do mundo. Além disso, observa a ganhadora do Prêmio Nobel Claudia Goldin, em seu artigo de 2023 “The Downside of Fertility” (O lado negativo da fertilidade), todos os membros da OCDE (com exceção de Israel) apresentam uma taxa de fertilidade total (número médio de filhos por mulher ao longo da vida) inferior a 2,1 (a taxa de reposição). Ademais, isso não é algo novo: “Níveis baixos de fertilidade existem em muitas nações atualmente desenvolvidas desde meados da década de 1970”.

Essa transformação na fertilidade é o oposto do que Thomas Malthus previu. A humanidade nunca foi tão próspera e, ainda assim, tem muito menos filhos em relação ao seu tamanho do que no passado. Analisei as causas em maio de 2024, em “Do ‘baby boom’ à falta de bebês”. Uma delas é que um número muito maior de crianças sobrevive até a idade adulta, reduzindo a necessidade de múltiplos nascimentos. Outra é que conseguimos separar os prazeres do sexo dos encargos de criar filhos. Outra ainda é que as pessoas passaram a preferir poucos filhos “de qualidade” (nos quais investem mais) a uma grande quantidade deles.

No entanto, essas mudanças não explicam totalmente o que está acontecendo, especialmente as taxas de fertilidade marcadamente mais baixas entre mulheres com diploma universitário e os colapsos extraordinariamente rápidos da fertilidade em economias de crescimento acelerado com normas tradicionais de gênero, notadamente a ideia de que as mulheres devem cuidar dos filhos. Nesses países, não apenas os custos de criar filhos tendem a ser elevados, como recaem de forma esmagadora sobre as mulheres.

De modo geral, mulheres graduadas nos EUA (e em outros lugares) têm muito mais probabilidade de se casar do que as não graduadas e, historicamente, têm sido mais propensas a ter filhos dentro do casamento. Assim, para as mulheres com formação universitária, em particular, grande parte da decisão de ter filhos depende de como elas esperam que seus maridos se comportem.

A razão simples (e óbvia) é que mulheres instruídas que acabam assumindo a responsabilidade total pelo cuidado de múltiplos filhos têm relativamente mais a perder do que suas pares sem diploma universitário. É por isso que são mais propensas a insistir em casamento. É também por isso que tendem a ter menos filhos (embora isso também ocorra porque começam mais tarde).

Goldin argumenta que mulheres que recebem rendimentos profissionais estão em melhor situação e têm muito mais autonomia. Mas, para isso, precisam adiar o trabalho a fim de investir na educação, o que fazem cada vez mais. Uma vez formadas e inseridas no mercado de trabalho, precisam decidir se e com quem terão filhos. Se quiserem trabalhar com sucesso após a maternidade, vão depender da ajuda ativa de seus parceiros. Mas não podem ter certeza de que eles serão confiáveis.

O parceiro pode ser um colaborador dedicado, mas pode abandoná-la à própria sorte. Se esse apoio falhar, será difícil para a mulher sustentar sua carreira. Assim, mulheres graduadas adotam uma postura cautelosa. Não apenas insistem em casamento, como têm poucos filhos, muitas vezes um ou nenhum.

Goldin utiliza essa análise para explicar o que vem ocorrendo nos EUA ao longo do tempo. Assim, “a taxa de natalidade despencou há algum tempo nos EUA porque as mulheres passaram a ter mais autonomia, tiveram mais opções, e porque os rendimentos relativos dos trabalhadores com diploma universitário aumentaram significativamente, suas opções tornaram-se mais valiosas. O custo de oportunidade de ter filhos para as mulheres mais instruídas aumentou. As mulheres precisavam de maiores garantias de que o cuidado com os filhos seria compartilhado com o pai”.

Agora consideremos os casos de países que experimentaram grande crescimento econômico a partir de uma base baixa, como no sul da Europa e no leste da Ásia. Ali, ela argumenta, os costumes sociais muitas vezes permanecem defasados em relação às realidades contemporâneas. Os homens ainda anseiam pelas normas patriarcais de uma sociedade tradicional. As mulheres desfrutam da libertação proporcionada por uma economia moderna. Goldin observa que os países particularmente afetados por esse descompasso de expectativas (como Japão, Coreia do Sul e, suspeito, China) também apresentam altas taxas de mulheres sem filhos.

Outro fator relevante ao qual ela se refere é a “corrida dos ratos”. Filhos de qualidade custam caro em toda parte, mas em alguns países o custo é exorbitante. Em sociedades nas quais as aspirações em relação aos filhos são universalmente elevadas e compartilhadas, os pais competem entre si por um número limitado de vagas de elite para seus filhos. O resultado é uma preparação extracurricular intensiva, uma forma requintada de tortura tanto para as crianças quanto para os pais, sobretudo para as mães. Isso eleva de maneira desproporcional os custos diretos e indiretos de ter filhos para as mulheres. Assim, muitas optam por não tê-los.

A principal sugestão de Goldin é que os homens precisam mudar de atitude, embora ela também recomende maior apoio estatal aos pais. Ainda assim, nada parece capaz de elevar as taxas de fertilidade das sociedades modernas acima do nível de reposição. Concordo, porém, que a ideia da direita reacionária de que a solução seria empurrar as mulheres de volta para a cozinha e o berçário é perversa e estúpida. Apenas o Talibã considera inteligente privar as mulheres de educação. Além disso, se nem mesmo o Partido Comunista Chinês consegue forçar mulheres a ter filhos que não desejam, ninguém vai conseguir. Mais ainda, só um imbecil iria supor que se obteria mais filhos defendendo que as mulheres tratem seus maridos como seus senhores, mais uma vez. Teríamos ainda menos casamentos e menos filhos.

As normas de gênero vão precisar se tornar ainda mais igualitárias, e o apoio social aos custos dos filhos terá de ser ainda maior para haver alguma esperança de elevar as taxas de fertilidade. Mas um grande aumento parece improvável. Uma população em declínio parece inevitável em um enorme número de países ricos, caso a imigração em massa seja descartada. Isso seria realmente o desastre que alguns temem? Não. Mas esse é um tema para outra coluna. **(Tradução de Marina Della Valle)**

Martin Wolf é o principal comentarista econômico do Financial Times.